

## **POLÍTICA E REDEMOCRATIZAÇÃO NA PARAÍBA: O GOVERNO DE JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA (1951-1956)**

Jivago Correia Barbosa \*

**Resumo:** Através desta pesquisa, em desenvolvimento junto ao Programa de Pós Graduação em História/UFPB, abordo o governo de José Américo de Almeida (1951-1956). As questões primordiais que norteiam o presente trabalho são a conjuntura política na qual José Américo ascende ao poder em 1950, a violenta eleição, considerada uma das campanhas mais radicais e cruentas já disputada na Paraíba e a influência que esta teve na primeira composição do secretariado de seu governo. Como pano de fundo para essa discussão, analisaremos a volta de Getúlio Vargas ao poder em 1950 - cinco anos depois de ser escorraçado do Palácio do Catete como ditador - “nos braços do povo”. Para a realização deste trabalho, já estão sendo analisadas e fichadas as principais notícias encontradas no jornal “A União”, imprensa oficial do Estado, no Arquivo Público do Estado e na Fundação Casa José Américo de Almeida.

**Palavras-chave:** José Américo de Almeida, eleições de 1950, Getúlio Vargas.

**Abstract:** Through this research, in development at the Graduate Program in History / UFPB approached the government of José Américo de Almeida (1951-1956). The primary questions that guide this work are the political in which José Américo amounts to power in 1950, the violent election, considered one of the most radical and Bloody campaigns already disputed in Paraíba and influence that was the first composition of the secretariat of its government. As background for this discussion, we analyze the returns of Getúlio Vargas to power in 1950 - five years after being driven to the Palace of Catete dictator - "in the arms of the people." For this work, are being reviewed and tokens found in the main news paper "The Union", the press officer of the State in the Public Archives and the Foundation of the State House José Américo de Almeida.

**Keywords:** José Américo de Almeida, elections in 1950, Getúlio Vargas.

### **1. A CAMPANHA ELEITORAL NO PAÍS E NA PARAÍBA EM 1950**

#### **1.1 Vargas volta ao poder.**

Apesar de deposto pelo golpe, em 1945, Getúlio Vargas acabaria sendo um dos grandes vencedores das eleições realizadas em dezembro do mesmo ano. Foi eleito senador por dois Estados (Rio Grande do Sul e São Paulo) e deputado em vários outros. Mesmo eleito senador, Vargas pouco freqüentava o Senado. Em abril de 1950, João Goulart lança a candidatura de Vargas à presidência da República pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro),

---

\* Formado em Licenciatura em História pela UFPB, possui Especialização em História do Brasil e atualmente é aluno regular do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba. Atua como Tutor do Componente Curricular Sociologia da Educação I, na EAD do Curso de Pedagogia - Centro de Educação/UFPB - e é professor de Ciências Humanas do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem).

tendo como vice João Café Filho, do PSP (Partido Social Progressista). Nacionalmente, 14 partidos concorriam às eleições de 3 de outubro de 1950:

RIO, 2 – (...) Cinco apoiarão o sr. Cristiano Machado ou seja o PSD, PST, PR, PTN e PRB. Três apoiarão o brigadeiro Eduardo Gomes ou seja a UDN, PL, e PRP. Dois, o PTB e o PSP, apoiarão o sr. Getúlio Vargas enquanto um, o PSB, apoiará o sr. João Mangabeira. Entretanto, um deles, o PRT, pelo menos, em grande maioria, votará em branco obedecendo determinações de Luiz Carlos Prestes (A União, 03 out. 1950: p.01).

Vargas concorreu com Cristiano Machado do PSD (Partido Social Democrata) e Eduardo Gomes da UDN (União Democrática Nacional). Com uma campanha calcada na defesa da industrialização e na ampliação da legislação trabalhista, Vargas vence a disputa com a maioria dos votos.

Cinco anos depois de ser escorraçado do Palácio do Catete como ditador – deposto pelos mesmos militares que o colocaram no poder logo após a “Revolução” de 1930 – Getúlio Vargas volta ao governo “nos braços do povo”.

## 1.2 As eleições na Paraíba.

Na Paraíba, dois candidatos de peso disputavam o governo. De um lado, José Américo de Almeida, homem de letras, escritor premiado, autor do romance “A Bagaceira” (1928), que “abriu nova fase na história literária do Brasil”, segundo Otto Maria Carpeaux (ALMEIDA, 1997: p. xx)<sup>1</sup>, que já havia ocupado vários cargos importantes: Governador do Nordeste após a “Revolução” de 1930; Ministro da Viação e Obras Públicas do Governo de Vargas; candidato à Presidência da República em 1937 e, na época das eleições de 1950, exercia o cargo de Senador, eleito pela Paraíba em 1945. Do outro lado, encontrava-se Argemiro de Figueiredo, nome de grande importância na política paraibana, tendo ocupado o cargo de Interventor, nomeado por Vargas, de 1935 a 1939<sup>2</sup>.

O embate político que se dá no início da década de 50, entre os dois candidatos, seria uma consequência dos fatos decorrentes de toda a década de 40. Para melhor compreendermos a conjuntura dos acontecimentos e o desfecho da campanha eleitoral que levou José Américo ao poder em 1951, é preciso, efetivamente, retroceder à história dos fatos.

---

<sup>1</sup> Ver também, do mesmo autor: **Reflexões de um cabra** (novela-1922), **A Paraíba e seus problemas** (1923), **O Boqueirão** (romance-1935) e **Coiteiros** (romance-1935).

<sup>2</sup> Antes de Argemiro de Figueiredo, dois outros Interventores já haviam ocupado o cargo na Paraíba: Antenor Navarro (1930-1932) e Gratuliano Brito (1932-1934). Sobre a Interventoria de Argemiro vide SANTANA, Martha M. F. de Moraes. **Poder e Intervenção Estatal – Paraíba: 1930-1940**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2000.

Nacionalmente José Américo representava a UDN (União Democrática Nacional) – um dos fundadores do partido na Paraíba - dado o seu imenso prestígio, e na Paraíba, quem assumia a representação estadual era Argemiro de Figueirêdo. Em 1947, houve a junção dessas duas forças em prol da campanha do jurista Oswaldo Trigueiro para governador. José Américo, por estar ausente a algum tempo da Paraíba vivendo no Rio de Janeiro, delegou poderes a Plínio Lemos e Argemiro incumbiu João Agripino. Ambos foram mandados ao interior do Estado para organizarem os diversos diretórios espalhados pelos municípios. No início esta colaboração surtiu os efeitos desejados, más segundo João Agripino:

O partido tinha que ter um chefe, o chefe era uma pessoa (...) com esse sentimento da chefia, essa preocupação da chefia, a UDN da Paraíba ficou tendo dois chefes, que lamentavelmente não se entendiam na época (...) Um morava em Campina Grande, outro no Rio de Janeiro. Isso dificultava muito as coisas (CAMARGO, 1984: p.396).

Essa unidade entre as duas lideranças, fragilmente mantida, devia-se, em grande parte, ao fato de que nem José Américo, nem Argemiro, se interessavam pelo governo. Dessa forma, e com a UDN dividida, Oswaldo Trigueiro se elege governador, em 19 de janeiro de 1947, e José Américo é eleito senador para uma terceira vaga recém criada. Apesar de continuar na UDN, o afastamento de José Américo do partido seria inevitável e irreversível. A partir da eleição municipal de Campina Grande, em outubro de 1947, José Américo rompe os últimos fios do laço político que ainda o mantinha ao lado de Argemiro.

Em maio de 1949, a dissidência udenista se uniu ao PSD (Partido Social Democrático) para derrotar o candidato da UDN à presidência da Assembléia Legislativa. Essa seria a primeira grande derrota udenista nos últimos anos. “Essa cisão se confirmou em 1950, quando o PSD, para derrotar Argemiro, resolveu adotar a candidatura de José Américo a Governador” (MELO, 1998: p.112).<sup>3</sup>

O desempenho político de José Américo sempre esteve indissolúvelmente ligado à figura de Vargas e, sobretudo, à era getuliana. Dessa forma, o único candidato a governador da Paraíba que poderia receber o apoio de Vargas indiscutivelmente só poderia ser um, José Américo. Embora recebesse o apoio, José Américo não o retribuiu da mesma forma, não

---

<sup>3</sup> Vinte seis anos depois, em maio de 1976, em entrevista aos historiadores Aspásia Camargo e Eduardo Raposo, José Américo afirma que fizera um acordo com o ex-interventor Ruy Carneiro, que era uma das grandes do PSD, para derrotar uma determinada “ala da UDN composta por Oswaldo Trigueiro, então governador do Estado, e Argemiro de Figueiredo”. CAMARGO, Aspásia. **O Nordeste e a Política: diálogo com José Américo de Almeida**. Aspásia Camargo e Eduardo Raposos. CPDOC/FGV - Fundação Casa de José Américo de Almeida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.328.

defendendo em nada a campanha varguista. O PSD, que apoiou a campanha de José Américo na Paraíba, coligava-se à campanha de Cristiano Machado, candidato nacional do partido e adversário político de José Américo, para Presidente da República e esse teria sido o motivo pelo qual José Américo não firmara apoio à candidatura de Vargas.

Eu sei que houve certas acusações de que eu (José Américo) não teria votado nele. Mas, apesar de Getúlio ter apoiado meu nome em praça pública, na Paraíba, nesse nosso encontro no Rio eu lhe disse: ‘Não posso ajudá-lo nessa eleição, porque me comprometi com o nome de Eduardo Gomes’ (CAMARGO, 1984: p.332).

Apesar disso, Getúlio Vargas em visita ao Nordeste não só recomendava José Américo para governador, como também discursava a seu favor em praça pública. Esse apoio fora de fundamental importância para a campanha.

(...) O desejo de resolver o problema do Nordeste, prevalecendo sobre qualquer outro, foi um fator que me induziu a confiar a Pasta da Viação, onde sua personalidade se afirmou com relevo, ao Dr. José Américo de Almeida providencia, ao mesmo tempo, segura e metódica (LUNA, 2000: p.66).

Dessa forma, a campanha para governador e senador foi se desenrolando, em 1950, tendo sido considerada uma das campanhas mais radicais e cruentas já disputada na Paraíba. O Estado estava dividido em dois blocos distintos, uma espécie de bi-polarização, onde de um lado se encontrava José Américo e Ruy Carneiro, e do outro Argemiro de Figueirêdo e José Pereira Lira. Além dos grandes nomes da política paraibana, a população também se manifestava nos comícios e passeatas ao longo de todo o período. José Américo foi aos poucos se tornando o grande nome da campanha.

Como já havia ocupado diversos cargos importantes, sendo conhecido nacionalmente pelo combate a seca que castigou o Estado em 1932, como ministro<sup>4</sup>, José Américo já recebia o apoio da intelectualidade paraibana e da população em geral. José Lins do Rego, um dos grandes amigos de José Américo, veio à Paraíba e discursou em vários comícios. Em um destes comícios proferiu uma frase que se transformou em manchete nacional: “Quem não votar em José Américo é porque não tem vergonha na cara!” (RAMOS, 1991: p.41).

---

<sup>4</sup> Sobre as secas e os seus efeitos para a Paraíba vide ALMEIDA, José Américo de. **A Paraíba e seus problemas**. João Pessoa, Paraíba, 1980. 3ª Ed., revista. 730.



“Na campanha de 1950, com Assis Chateaubriand (de chapéu de palha). Atrás de José Américo, à esquerda, José Lins do Rêgo”.<sup>5</sup>

Segundo Pedro Gondim, que sucedeu José Américo no governo do Estado e foi seu correligionário em 50: “As forças populares estavam mais propensas a apoiar José Américo e deram disso a melhor demonstração” (CAMARGO, 1984: p.405).

José Américo, em um memorável comício no Parque Sólon de Lucena, desferiu duras críticas contra o candidato da oposição. Uma grande concentração de pessoas escutou as palavras proferidas em um discurso antológico:

(...) Rejubila-se a alma repatriada. (...) Volto. Voltar é uma forma de renascer. Ninguém se perde na volta. (...) Vamos todos sem vãos temores empreender uma campanha ativa e enérgica. Pode-se esmagar um homem, mas não se esmaga um povo. Não se sufocam idéias (RAMOS, 1991: p.37).

Suas palavras de efeito e seus discursos inflamados provocavam o delírio de todos que ali o observavam. José Américo invocava a necessidade de ajudar os mais necessitados, principalmente aqueles que sofriam durante as secas, reavivando na memória dos paraibanos essa catástrofe natural que outrora solapara o Estado, principalmente em 1932. “A uma miséria maior do que morrer de fome no deserto é não ter o que comer na terra de Canaã”.<sup>6</sup>

Além das palavras do “Doutor Zé Américo”, outro interessante aspecto que deve ser mencionado é a letra da música da campanha, divulgada nas rádios e nas praças da maioria das cidades de toda Paraíba. A canção afirmava que só através do “voto independente”, elegendo um grande homem - uma espécie de “salvador do Nordeste” - ligado aos mais pobres e a religião, poderia os paraibanos, vítimas de “toda a sorte”, trazer de novo “a esperança e a redenção” à Paraíba.

<sup>5</sup> CAMARGO, Aspásia. Op. Cit., p.411.

<sup>6</sup> “Realmente essa foi a impressão dominante que eu tive desde a infância e em toda a minha vida pública.” Sobre esse e outros aspectos dos discursos e da campanha de 1950, assistir ao documentário “**O Homem de Areia**”, do cineasta paraibano (itabaianense) Wladimir de Carvalho.

“O Dr. José Américo, vai vencer nas eleições, pelo voto independente dos sinceros corações (...)  
(Refrão) De pé ó pobres, vítimas da sorte, com Deus e o povo contra opressão. José Américo é o candidato da pobreza e da religião. Seu povo, contra fome, se levanta um grande homem.  
Como outrora em trinta e dois, salva o povo do sertão.  
Traz agora a nossa terra a esperança e a redenção.  
Com o Dr. José Américo a pobreza vencerá e o dinheiro que é do povo só o povo servirá”.<sup>7</sup>

Em pouco tempo, o pleito de 1950 foi se tornando profundamente desagregador, o clima de guerra foi se propagando aos poucos nos comícios. Embora os conflitos tenham sido de proporções alarmantes em todo o Estado, o maior confronto se deu em Campina Grande, mais precisamente na Praça da Bandeira, no domingo, dia 09 de julho de 1950. Um grande comício da UDN, em parceria com o Partido Republicano, se instalou naquele lugar, trazendo uma multidão para assistir os discursos políticos e a vários artistas de rádio: “Cantores de projeção nacional, como Luiz Gonzaga, Emilinha Borba, Éster de Abreu e o acordeonista Sivuca, paraibano de Itabaiana (...)” (RAMOS, 1991: p.39). O comício tinha a autorização das autoridades competentes, na forma da legislação em vigor na época.



Comício em Campina Grande, 09 de julho de 1950<sup>8</sup>

Perto dali se formava uma passeata americista, composta de elementos da “Coligação Democrática Paraibana”, constituída de membros do Partido Social Democrático e do Partido Libertador, que percorriam as ruas adjacentes. Em pouco tempo o grupo foi se avolumando, percorrendo as calçadas em direção à Praça da Bandeira. Segundo relatos, o grupo, ao longo do caminho, dirigia insultos contra os seus adversários, chegando a tentar invadir as residências de alguns destes.

(...) entre as quais a do Sr. Artur Freire, onde se encontrava hospedado o deputado Renato Ribeiro, candidato a vice-governador do Estado pela União Democrática Nacional, e a dos srs. Veneziano Vital do Rego e Agripino Agra (A União, 11 jul. 1950: p.01).

<sup>7</sup> O áudio e a letra completa da música estão disponíveis nos arquivos da Fundação Casa José Américo de Almeida.

<sup>8</sup> CAMARGO, Aspásia. Op. Cit, p.333.

Não conseguindo, o que pretendia, o grupo se dirigiu à Praça da Bandeira, onde ainda se encontrava um grande aglomerado de pessoas que haviam assistido ao comício da UDN. Chegando até lá, tentaram realizar um comício paralelo em outro palanque, embora contra a determinação policial que já havia negado a permissão para tal ação. Quando o delegado de polícia de Campina Grande convidava as pessoas que já se encontravam no palanque a não insistirem com o comício, surgiram disparos de arma de fogo em várias direções. Conta João Agripino que participou do comício:

Alguém impediu que o grupo da passeata tivesse acesso ao palanque, inclusive policiais impediram esse acesso. A proibição gerou discussão, conflitos, troca de tapa, tiro, e saíram todos aqueles ferimentos e mortes (CAMARGO, 1984: p.408).

O saldo da tragédia: onze pessoas atingidas, uma em estado grave e duas mortas. Tendo conhecimento do fato, o Governador José Targino, substituto de Oswaldo Trigueiro, solicitou ao Tribunal de Justiça uma “Comissão Judiciária” para que se apurassem as ocorrências. Embora tenha solicitado tal comissão para que se abrisse um inquérito e descobrisse os culpados, o seu pedido fora negado. Não obtendo tal êxito, designou uma comissão encabeçada pelo promotor Aurélio Moreno de Albuquerque.

Preocupado com a rápida repercussão deste trágico episódio, pois os jornais da Capital Federal já noticiavam a violência na Paraíba, José Américo enviou um telegrama ao governador, solicitando que os fatos fossem apurados com a maior imparcialidade possível.

Basta um gesto seu, afastando as autoridades facciosas e criminosas, colocando elementos que saibam cumprir suas ordens nesta hora de comoção do Brasil espantado com o sangue derramado de nossos conterrâneos. Cordiais saudações. José Américo (A União, 14 jul. 1950: p.01).

Notícias circulavam a todo o momento e muitas relatavam um possível descaso das autoridades na apuração dos fatos. Dias depois, o deputado José Jofily, que se encontrava em Campina Grande, e o Sr. Elpídio de Almeida, prefeito da cidade - políticos opositores à campanha de José Américo - se pronunciaram através de “*reclamações telegráficas*” ao governador exigindo mais rigorosidade na apuração dos fatos e punição urgente para os culpados.

No Rio de Janeiro, José Américo acusa o ex-governador Oswaldo Trigueiro, o deputado Argemiro de Figueiredo e o ex-ministro Pereira Lira de terem sido os instigadores da perturbação que atingira Campina Grande e, ainda, escreve uma “Carta a todos os

paraibanos”<sup>9</sup> rompendo definitivamente com Oswaldo Trigueiro e a UDN. Revoltado com a acusação, Oswaldo Trigueiro publica uma carta com mais de três páginas, no jornal “A União”, rebatendo as acusações feitas pelo senador.

(...) Assim como a Ruy Carneiro considerava ‘um cachorro que vivêra a lamber-lhe os pés’, resolveu apontar-me á execração do país, (...) A opinião da Paraíba há de achar estranho que me considerem responsável pelos fatos ocorridos em Campina Grande (...) Eu já não era governador e, em Campina Grande, já nem sequer havia autoridade por mim nomeada (A União, 18 jul.1950: p.01).

O que antes era uma questão de desavença no campo político, partiu para a divulgação de questiúnculas pessoais entre os dois políticos. Ainda na referida carta, Oswaldo Trigueiro desfecha duras críticas às posições adotadas por José Américo enquanto homem público.

(...) Afirmou o senador José Américo que lhe devo o primeiro emprego que consegui na vida pública (...) Meu primeiro emprego foi o de promotor de justiça na Comarca de Teófilo Otoni, Estado de Minas, cargo que fui nomeado pelo então presidente Melo Viana (...) Nessa época remota, o dr. José Américo, simples advogado nesta capital, ainda não desempenhava as funções de gestor do sistema planetário (A União, 18 jul. 1950: p.03).

Para piorar ainda mais o clima da campanha política na Paraíba, a carta é lida na sessão da Câmara Federal no dia 20 de julho pelo então deputado Ernani Sátyro, e divulgada, no dia seguinte, na imprensa carioca através do jornal “A Manhã”. Tais desavenças perdurariam até o fim das eleições, em outubro de 1950.

Outro importante fato que aconteceu durante a referida eleição foi o afastamento e substituição do juiz do município de São João do Cariri, Sr. José Demócrito. Este, após barrar alguns “alistamentos irregulares” dos filiados udenistas, e ter reclamado da falta de garantias para a realização pacífica das eleições que ainda iriam acontecer, foi, sem demora, afastado de suas funções pelo Tribunal de Justiça a pedido do Governador udenista, José Targino, e “(...) punido com uma suspensão de 60 dias. Após, será removido para uma comarca de igual entrância ou posto em disponibilidade na forma da legislação vigente” (A União, 25 ago. 1950: p.01).

Esse era o “fim” de algumas pessoas que se opuseram a “máquina” udenista durante a campanha, daí José Américo ter afirmado em uma entrevista, décadas depois, que: “A campanha de 1950 foi duríssima. Travei luta contra Dutra e contra Oswaldo Trigueiro. Foi a campanha mais violenta que eu ganhei” (CAMARGO, 1984: p.330).

---

<sup>9</sup> O documento se encontra, na íntegra, no “Apêndice 24”. Ibid., p.532.

#### **1.4 O resultado das eleições de 1950 e a posse de José Américo de Almeida em janeiro de 1951.**

Embora o retrospecto da campanha eleitoral não tenha sido favorável a um ambiente de paz e tranqüilidade, na Paraíba as eleições transcorreram de forma pacífica. O povo elegeu, em 03 de outubro de 1950, o novo Presidente, Vice-presidente, senadores, deputados federais e estaduais. José Américo foi o grande vitorioso, eleito governador do Estado, tendo como vice-governador João Fernandes de Lima. Importante figura no meio político, proprietário da Usina Monte Alegre, João Fernandes possuía grande influência política na região de Mamanguape, exercendo o mandato de deputado estadual pelo PSD e presidente da Assembléia Legislativa. No dia 01 de fevereiro de 1951, José Américo chegou a João Pessoa vindo do Rio de Janeiro, Capital Federal, desfilando em carro aberto pelas principais ruas da cidade. Os primeiros discursos foram proferidos na Praça Bela Vista, em Jaguaribe, pelo deputado Pedro Gondim e pelo prefeito de João Pessoa, Oswaldo Pessoa. Da praça o cortejo seguiu pela Rua das Trincheiras até a Assembléia Legislativa, onde uma multidão aguardava o governador. Em praça pública os dois assinaram o termo de posse dos cargos, o evento foi transmitido ao vivo pelas rádios Tabajara, Arapuan, Cariri e Borborema de Campina Grande. Em um discurso memorável José Américo fala dos problemas que enfrentou durante a campanha mais violenta que já se verificou no estado paraibano:

“Prometo acima de tudo um regimen de moralidade. Não venho praticar violências. Não guardo ódio nem rancores. Mas, ninguém deverá estranhar a severidade das minhas sanções contra o crime e a desonestidade”. (Do discurso do Gov. José Américo de Almeida) (A União, 01 fev. 1951: p.01).

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- A UNIÃO.** Maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro de 1950. Janeiro e fevereiro de 1951.
- ALMEIDA, José Américo de, 1887-1980. **A bagaceira:** romance. 32ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- ALMEIDA, José Américo de. **A Paraíba e seus problemas.** João Pessoa, Paraíba, 1980. 3ª Ed., revista. 730.
- CAMARGO, Aspásia. **O Nordeste e a Política: diálogo com José Américo de Almeida.** Aspásia Camargo e Eduardo Raposos. CPDOC/FGV - Fundação Casa de José Américo de Almeida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CARVALHO, Wladimir. **“O Homem de Areia”**. Documentário. Duração: 116 Min..

CITTADINO, Monique, Barbosa, Jivago. **“Estado Novo na Paraíba: a Interventoria de Ruy Carneiro (1940-1945)**. PIBI/CNPq/NIDHR/UFPB, 2002-2004.

MELO, Oswaldo Trigueiro de Albuquerque de A. “José Américo de Almeida”. In. Oswaldo Trigueiro de A. **Galeria paraibana**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB/Conselho Estadual de Cultura, 1998.

RAMOS, Severino. **Agripino: o Mago de Catolé**. João Pessoa: A União, 1991.

SANTANA, Martha M. F. de Morais. **Poder e Intervenção Estatal – Paraíba: 1930-1940**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2000.